



ALMA NEGRA

HOLLY BLACK

ROCCO
JOVENS LEITORES

ALMA NEGRA

MESTRES DA MALDIÇÃO
LIVRO TRÊS

ALMA NEGRA

HOLLY BLACK

TRADUÇÃO
Regiane Winarski

ROCCO
JOVENS LEITORES

CAPÍTULO UM

MEU IRMÃO, BARRON, está sentado ao meu lado tomando um restinho de chá batido com leite por um largo canudo amarelo, fazendo barulho. O banco do meu Mercedes foi todo reclinado para trás, e Barron está com os pés no painel, os saltos dos sapatos pretos de bico fino arranhando o plástico. Com o cabelo penteado para trás e os óculos espelhados, ele parece o exemplo perfeito de vilania.

Na verdade, ele é agente federal júnior, ainda em treinamento, claro, mas com carteira, distintivo e tudo.

Para ser justo, ele também é vilão.

Bato os dedos enluvados com impaciência na curva do volante e levo o binóculo aos olhos pela milionésima vez.

Tudo o que vejo é um prédio com janelas cobertas por tábuas no lado ruim do Queens.

– O que ela está *fazendo* lá dentro? Já faz quarenta minutos.

– O que você acha? – pergunta ele. – Sendo malvada. É o trabalho de meio-período dela agora. Cuidar dos negócios escusos para que as luvas de Zacharov fiquem limpas.

– O pai dela não a colocaria em situação real de perigo – digo, mas o tom da minha voz deixa óbvio que estou tentando convencer a mim mesmo mais do que ao meu irmão.

Barron ri com deboche.

– Ela é novata como soldada. Tem que provar seu valor. Zacharov não poderia deixá-la longe do perigo nem se tentasse e ele não vai se esforçar muito. Os outros estão de olho, esperando que ela demonstre fraqueza. Esperando que faça besteira. Ele sabe disso. Você também deveria saber.

Penso nela aos doze anos, uma garota magrela com olhos grandes demais para o rosto e um ninho de cabelo louro embaraçado. Nas minhas lembranças, ela está sentada no galho de uma árvore, comendo uma tira de alcaçuz vermelho. Os lábios estão melados por causa do doce. Os chinelos, pendurados nos dedos. Lila está entalhando suas iniciais no tronco, bem no alto, para o primo não poder dizer que ela está mentindo quando contar que chegou mais alto do que ele.

Garotos nunca acreditam que sou capaz de superá-los, ela me disse na época. Mas eu sempre ganho no final.

– Talvez ela tenha visto o carro e tenha saído por trás – cogito.

– Não há como ela ter nos identificado. – Ele suga o canudo. O barulho de copo vazio ecoa pelo carro. – Nós somos ninjas.

– Alguém aqui é presunçoso – retruco.

Afinal, seguir uma pessoa não é fácil, e Barron e eu não somos tão bons, independentemente do que ele diga. Minha superior na agência, Yulikova, me encorajou a colar em Barron para aprender de perto e ficar em segurança até ela decidir como dizer para os chefes que tem um mestre de transformação com comportamento ruim e registro criminal. E, como Yulikova está no comando, Barron tem que me ensinar. Isso é só por alguns meses, até eu me formar em Wallingford. Vamos ver se nos suportamos por tanto tempo.

Obviamente, tenho certeza de que Yulikova tem em mente outro tipo de aprendizado.

Barron sorri, e os dentes brancos brilham como dados lançados.

– O que você acha que Lila Zacharov faria se soubesse que você a está seguindo?

Dou um sorriso em resposta.

– Provavelmente me mataria.

Ele assente.

– Provavelmente. E me mataria duas vezes por ajudar você.

– Você provavelmente merece – digo.

Ele ri.

Nos últimos meses, consegui tudo o que sempre quis, mas joguei no lixo. Tudo o que achei que jamais poderia ter

me foi oferecido em uma bandeja de prata: a garota, o poder, um trabalho como braço direito de Zacharov, o homem mais temível que conheço. Nem teria sido tão difícil trabalhar para ele. É provável que fosse até divertido. E, se eu não me importasse com quem eu machuco, tudo isso ainda seria meu.

Levanto o binóculo e observo a porta de novo: a pintura gasta descascando e se soltando como migalhas de pão, a parte de baixo irregular, como se tivesse sido roída por ratos.

Lila ainda seria minha.

Minha. A linguagem do amor é assim, possessiva. Deveria ser o primeiro aviso de que esse sentimento não vai incentivar a melhora de ninguém.

Barron geme e joga o copo vazio no banco de trás.

– Não acredito que você me chantageou para virar agente da lei e agora tenho que suar cinco dias por semana com os outros recrutas enquanto você usa minha experiência para seguir sua namorada. É justo?

– *Um:* acho que você está se referindo ao benefício extremamente duvidoso da sua experiência. *Dois:* Lila não é minha namorada. *Três:* eu só queria ter certeza de que ela está bem. – Eu conto cada item com os dedos cobertos de couro. – *Quatro:* a última coisa que você deveria esperar é *justiça.*

– Fique na cola dela na escola – diz Barron, ignorando tudo o que acabei de falar. – Vamos. Tenho uma ligação para fazer. Vamos acabar com essa aula e comer umas fatias de pizza. Eu até pago.

Eu suspiro. O carro está abafado e cheira a café velho. Eu gostaria de esticar as pernas. E Barron deve estar certo, é melhor desistir. Não pelos motivos que ele citou, mas pelo que ficou implícito. Não é certo ficar se esgueirando em frente a construções para espionar a garota de quem você gosta.

Meus dedos estão procurando com relutância a chave quando Lila sai pela velha porta, como se minha desistência a tivesse atraído. Está usando botas pretas de montaria e um sobretudo cinza. Observo os gestos ágeis das mãos enluvadas, o balanço dos brincos, o som dos saltos nos degraus e o movimento do cabelo. Ela é tão linda que mal consigo respirar. Atrás dela vem um garoto com o cabelo trançado na forma de dois chifres de antílope. A pele é mais escura do que a minha. Ele está usando calça jeans folgada e um casaco com capuz e enfia no bolso de dentro um bolo de alguma coisa que parece dinheiro.

Fora da escola, Lila não se dá o trabalho de usar lenço. Vejo o colar escuro de marcas no pescoço dela, cicatrizes pretas onde a cinza foi enfiada. É parte da cerimônia quando você entra para a família criminosa do pai dela, cortar a pele e jurar que você morreu para a vida antiga e nasceu na perversidade. Nem mesmo a filha de Zacharov foi poupada.

Ela pertence ao grupo deles agora. Não tem volta.

– Olha só – diz Barry com alegria. – Aposto que você está pensando que acabamos de observar o encerramento de uma transação muito ilícita. Mas vamos considerar a possibilidade de que a pegamos fazendo algo totalmente inocente, apesar de constrangedora.

Olho para ele sem entender.

– Constrangedora?

– Como um encontro para jogar aqueles jogos de cartas em que você tem que colecionar tudo. Pokémon. Magic the Gathering. Talvez estejam treinando para um torneio. Com todo o dinheiro que ela acabou de entregar para ele, imagino que ele tenha vencido.

– Engraçadinho.

– Talvez ele esteja dando aulas de latim para ela. Talvez eles estivessem pintando miniaturas. Ou ela pode estar aprendendo a fazer bonecos com sombras.

Ele simula um pato com a mão enluvada.

Dou um soco no ombro de Barron, mas não com muita força. Só o bastante para fazê-lo calar a boca. Ele ri e ajeita os óculos, empurrando-os para cima.

O garoto de tranças atravessa a rua de cabeça baixa, o capuz erguido para encobrir o rosto. Lila anda até a esquina e levanta a mão para chamar um táxi. O vento balança o cabelo dela, tornando-o um emaranhado de ouro esvoaçante.

Eu me pergunto se ela fez o dever de casa para segunda-feira.

Eu me pergunto se ela poderia voltar a me amar.

Eu me pergunto o quão furiosa ela ficaria se soubesse que estou aqui, observando-a. Provavelmente muito, muito furiosa.

O ar frio de outubro toma conta do carro de repente e joga o copo vazio para o outro lado do banco de trás.

– Vamos – chama Barron, se inclinando para a porta e sorrindo para mim. Eu nem reparei quando ele saiu. – Pegue umas moedas para o parquímetro e as suas coisas. – Ele indica a direção do garoto das tranças com um movimento de cabeça. – Vamos segui-lo.

– E aquele telefonema? – Estou tremendo, só de camiseta verde. Minha jaqueta de couro está embolada no banco de trás do carro. Estico a mão para pegá-la e a visto.

– Eu estava entediado – diz Barron. – Agora, não estou mais.

De manhã, quando ele me disse que treinaríamos seguir pessoas, escolhi Lila como alvo de brincadeira, um pouco por um desejo doentio. Não achei que Barron fosse concordar. Não achei que a veríamos saindo do prédio e entrando em um táxi. Eu certamente não achava que viria parar aqui, perto de descobrir de verdade o que ela anda fazendo quando não está na escola.

Saio do carro e bato a porta.

Esse é o problema da tentação. É tentadora demais.

– Quase parece trabalho de agente de verdade, não é? – comenta Barron enquanto andamos pela rua de cabeça baixa contra o vento. – Sabe, se pegássemos sua namorada cometendo um crime, aposto que Yulikova nos daria um bônus por sermos alunos exemplares.

– Só que não vamos fazer isso – digo.

– Achei que você quisesse que fôssemos mocinhos.

Ele dá um sorriso largo demais. Está se divertindo ao me provocar, e minha reação só piora tudo, mas não consigo parar.

– Não se significar machucá-la – retruco, com a voz tão seca quanto consigo. – Ela, nunca.

– Entendi. Machucar, ruim. Mas que desculpa você dá para persegui-la e aos amigos dela, irmãozinho?

– Não estou dando desculpas – digo. – Apenas estou fazendo isso.

Seguir, *perseguir* alguém não é fácil. Você tenta não olhar demais para a nuca da pessoa, tenta ficar longe e agir como se fosse qualquer um congelando no fim de outubro nas ruas do Queens. Acima de tudo, tenta não parecer um candidato a agente federal mal treinado.

– Pare de se preocupar – aconselha Barron, andando ao meu lado. – Mesmo se formos identificados, o sujeito provavelmente vai acabar ficando lisonjeado. Ele vai achar que está subindo na vida se tem gente do governo o seguindo.

Barron sabe agir com casualidade melhor do que eu. Acho que é de se esperar. Ele não tem nada a perder se formos vistos. Lila não o odiaria mais do que já odeia. Além do mais, ele deve se preparar para isso o dia todo, enquanto fico em Wallingford estudando para entrar no tipo de faculdade que não vou frequentar de jeito nenhum.

Isso ainda me irrita. Desde que eu era criança, nós competimos por muitas coisas. Na maioria das vezes, eu perco.

Éramos os dois mais novos e, quando Philip saía com os amigos nos finais de semana, Barron e eu ficávamos fazendo qualquer tarefa que papai pedia, ou treinando a habilidade que ele achasse que precisávamos aprender.

Em particular, ele queria que melhorássemos nossa habilidade em bater carteiras e arrombar fechaduras.

Dois garotos são a equipe perfeita de batedores de carteira, ele dizia. Um para cometer o furto e o outro para distrair ou receber o que foi furtado.

Nós dois treinávamos o golpe. Primeiro, identificávamos onde papai deixara a carteira. Procurávamos um volume no bolso de trás ou observávamos se um dos lados do casaco balançava com mais peso por haver alguma coisa dentro. Depois, vinha o furto. Eu era bom; Barron era melhor.

Em seguida, treinávamos a distração. Chorar. Pedir ajuda para achar o caminho. Dar uma moeda para o alvo alegando que ele deixou cair.

É como um mágico de palco, dizia papai. Vocês têm que me fazer olhar para outro lugar a fim de não reparar no que está acontecendo bem na minha cara.

Quando papai não sentia vontade de se defender das nossas tentativas desajeitadas de furto, ele nos levava para o celeiro e nos mostrava a coleção. Ele tinha uma caixa de ferramentas velha de metal com trancas de todos os lados, e você tinha que vencer o desafio de abrir sete trancas diferentes. Barron e eu nunca conseguimos.

Depois que descobrimos como abrir uma fechadura com uma ferramenta, tivemos que aprender a abri-la com um grampo de cabelo, com um cabide, depois com um palito ou qualquer outro objeto encontrado. Eu ficava torcendo para ser naturalmente bom com fechaduras, pois na época

tinha certeza de que não era mestre e já me sentia um pária na família. Eu achava que, se houvesse algo em que eu fosse melhor do que todos eles, isso compensaria todo o resto.

É horrível ser o caçula.

Se você abrir a caixa supersegura, vamos ver o filme que você escolher, dizia papai. Ou: *Coloquei balas aí dentro*. Ou: *Se você quer mesmo aquele jogo de videogame, abra a caixa e vai ganhar de presente*. Mas não importava o que ele prometia. O que importava é que eu só arrombei no máximo três trancas; Barron conseguiu cinco.

E aqui estamos de novo, aprendendo várias coisas novas. Não consigo deixar de me sentir um pouco competitivo e um pouco decepcionado comigo mesmo por já estar tão atrás. Afinal, Yulikova acha que Barron tem futuro de verdade na agência. Ela me disse. Falei para ela que sociopatas são sempre encantadores.

Acho que ela pensou que eu estava brincando.

– Que mais ensinam na escola de agente federal? – pergunto a Barron.

O fato de ele estar se encaixando tão bem não deveria me incomodar. E daí se estiver fingindo? Problema dele.

Acho que o que me incomoda é ele estar fingindo melhor do que eu.

Ele revira os olhos.

– Nada de mais. Coisas óbvias: fazer as pessoas confiarem em você com comportamento espelho. Você sabe, fazer o que a outra pessoa estiver fazendo. – Ele ri. – Sinceramente,

ser agente disfarçado é como ser golpista. São as mesmas técnicas. Identificar o alvo. Fazer amizade. Depois, trair.

Comportamento espelho. Quando um alvo toma um gole de água, você faz o mesmo. Quando sorri, você também deve sorrir. Se você for sutil, e não apavorante, é uma boa técnica.

Mamãe me ensinou quando eu tinha dez anos. *Cassel*, disse ela, *quer saber como ser o cara mais encantador que qualquer pessoa já conheceu? Seja parecido com a pessoa favorita delas. A pessoa favorita de todo mundo é ela mesma.*

– Só que agora você é o mocinho – digo e dou uma gargalhada.

Ele também ri, como se eu tivesse contado a melhor piada do mundo.

Mas agora que estou pensando em mamãe, não consigo deixar de me preocupar. Ela está sumida desde que foi pega usando seu talento de mestra de emoção para manipular o governador Patton, um cara que odiava mestres de maldição e aparece no noticiário nacional todas as noites com uma veia saltada na testa, exigindo o sangue dela. Espero que permaneça escondida. Eu só queria saber onde ela está.

– Barron – chamo, prestes a iniciar uma conversa que já tivemos um milhão de vezes, em que dizemos um para o outro que ela está bem e vai entrar em contato em breve. – Você acha...?

À frente, o garoto com as tranças entra em um salão de sinuca.

– Aqui – diz Barron com um movimento de cabeça.

Entramos em uma delicatéssem do outro lado da rua. Fico feliz pelo calor. Barron pede dois cafés e nos posicionamos perto da janela, esperando.

– Algum dia você vai superar essa coisa com a Lila? – pergunta ele, quebrando o silêncio e me fazendo desejar que tivesse sido eu a falar, para poder escolher outro assunto. Qualquer outro assunto. – Parece doença. Há quanto tempo você gosta dela? Desde que tinha o quê, onze anos?

Eu não respondo.

– É por isso que você queria segui-la, não é? Porque não se acha digno dela, mas torce para ela fazer algo bem horrível e então talvez vocês passem a se merecer.

– Não é assim que funciona – falo baixinho. – Não é assim que o amor funciona.

Ele dá uma risada debochada.

– Tem certeza?

Eu mordo a língua e engulo cada resposta sarcástica que me ocorre. Se ele não me atingir, talvez pare, e talvez eu possa distraí-lo. Ficamos assim por vários minutos, até ele suspirar.

– Estou entediado de novo. Vou fazer aquela ligação.

– E se ele sair? – pergunto irritado. – Como vou...?

Ele arregala os olhos fingindo consternação.

– Improvise.

A campainha toca quando ele sai pela porta, e o cara do balcão grita o costumeiro Obrigado-pela-visita-volte-sempre.

Na calçada em frente à deli, Barron flerta loucamente enquanto anda de um lado para outro, soltando nomes de

restaurantes franceses como se os frequentasse todas as noites. O celular está apoiado na bochecha, e ele sorri, como se acreditasse na besteirada romântica que está dizendo. Sinto pena da garota, seja lá quem for, mas fico feliz.

Quando ele sair do celular, não vou parar de tirar sarro dele. Morder a língua não vai me fazer parar. Eu teria que morder minha cara inteira.

Ele me vê rindo pela janela, vira de costas e anda até a entrada fechada de uma casa de penhores a meio quarteirão de distância. Faço questão de balançar as sobrancelhas enquanto ele está olhando na minha direção.

Sem mais nada para fazer, fico esperando. Bebo mais café. Jogo no celular um jogo de atirar em zumbis.

Apesar de estar esperando, não me sinto preparado quando o garoto de trança sai do salão de sinuca. Ele está com um homem, um sujeito alto com maçãs do rosto afundadas e cabelo oleoso. O garoto acende um cigarro atrás da mão curvada, apoiado na parede. Esse é um daqueles momentos em que um pouco mais de treinamento ajudaria. Obviamente, sair correndo da deli e sacudir os braços para Barron é o gesto errado, mas não sei como agir se o garoto sair andando de novo. Não faço ideia de como avisar meu irmão.

Improvise, ele disse.

Saio da deli fingindo o máximo de indiferença que consigo. Talvez o garoto só tenha saído para fumar. Talvez Barron repare em mim e volte sem eu precisar chamá-lo.

Vejo um banco de ônibus e me encosto a ele para tentar vê-lo melhor.

Isso não é uma missão de verdade, digo para mim mesmo. Não importa se eu o perder de vista. Não deve haver mesmo nada para ver. Seja lá o que ele estiver fazendo para Lila, não há motivo para eu achar que está envolvido nisso neste momento.

É nessa hora que percebo a forma grandiosa como o garoto gesticula, com o cigarro deixando um rastro de fumaça. Atrair a atenção para o lugar errado é um clássico dos truques mágicos e golpes. *Olhe para cá*, diz uma das mãos. Ele deve estar contando uma piada, porque o homem está rindo. Mas vejo a outra mão dele sair de dentro da luva.

Dou um pulo, mas é tarde demais. Percebo um vislumbre de pulso e polegar.

Começo a andar na direção dele, sem pensar; atravesso a rua e só percebo o guinchar do freio do carro depois que já passei. As pessoas se viram na minha direção, mas ninguém está observando o garoto. Até o idiota do salão de sinuca está olhando na minha direção.

– *Corra* – grito para ele.

Mas o homem de maçãs afundadas ainda está olhando para mim quando o garoto fecha a mão na parte da frente do pescoço dele.

Seguro o ombro do garoto, mas é tarde demais. O homem, quem quer que fosse, desaba como um saco de farinha. O garoto gira na minha direção, os dedos nus procurando pele. Seguro o pulso dele e giro o braço com o máximo de força possível.

Ele geme e me dá um soco na cara com a mão enluvada.

Eu cambaleio para trás. Por um momento, só nos olhamos. Vejo o rosto dele de perto pela primeira vez e fico surpreso ao reparar que as sobrancelhas são arcos perfeitos. Os olhos são grandes e castanhos. Ele aperta esses olhos para mim. Em seguida, se vira e sai correndo.

Saio correndo atrás dele. É automático, instintivo, e me pergunto o que raios estou fazendo enquanto corro pela calçada. Arrisco um olhar para Barron, mas ele está curvado sobre o telefone, então só vejo as costas dele.

Grande surpresa.

O garoto é rápido, mas eu treino corrida há três anos. Sei como controlar meu ritmo e permito que ele se distancie no começo, quando dispara, para alcançá-lo quando estiver sem fôlego. Seguimos quarteirão atrás de quarteirão, e vou me aproximando cada vez mais.

É isso que terei que fazer quando for agente federal, não é? Perseguir bandidos.

Mas não é por isso que estou indo atrás dele. Sinto como se estivesse caçando minha própria sombra. Sinto que não consigo parar.

Ele se vira e olha para mim, e acho que percebe que o estou alcançando, porque tenta uma nova estratégia. Entra abruptamente em um beco.

Dobro a esquina a tempo de vê-lo pegar alguma coisa debaixo do moletom. Pego a primeira arma que encontro, um pedaço de madeira jogado perto de uma pilha de lixo.

Balançando-o, eu alcanço o garoto na hora em que ele puxa a arma. Sinto meus músculos queimando e ouço o

estalo quando a madeira atinge o metal. Derrubo a pistola contra a parede de tijolos como se fosse uma bola de beisebol e eu estivesse no campeonato mundial.

Acho que fico tão surpreso quanto ele.

Dando passos lentos, levanto o pedaço de madeira, que se quebrou, um pedaço grande pendurado por uma lasca e a ponta irregular mais parecendo uma lança. Ele me observa, e cada parte do seu corpo está tensa. Não parece muito mais velho do que eu. Talvez seja até mais novo.

– Quem é você, afinal?

Quando ele fala, vejo que alguns dos dentes são de ouro e brilham no sol poente. Três embaixo. Um em cima. Ele está respirando com dificuldade. Somos dois.

Eu me inclino e pego a arma com a mão trêmula. Meu polegar solta a trava. Me livro do pedaço de madeira.

Não faço ideia de quem sou agora.

– Por quê? – pergunto, arfando. – Por que ela pagou para você matá-lo?

– Ei – diz ele, levantando as mãos, uma com e outra sem luva, em um gesto de rendição. Apesar disso, parece mais perplexo do que com medo. – Se ele era seu amigo...

– Ele não era meu amigo.

O garoto baixa as mãos lentamente, até ficarem em repouso nas laterais do corpo, como se tivesse chegado a uma conclusão sobre mim. Talvez que não sou da polícia. Talvez que não haja problema em relaxar.

– Eu não pergunto por que as pessoas querem as coisas. Não sei, tá? Foi só um trabalho.

Eu faço que sim com a cabeça.

– Me mostre seu pescoço.

– Não tenho marcas. – Ele puxa a gola da camisa, mas não tem cicatriz nenhuma. – Sou freelancer. Sou bonito demais para essa merda toda. Ninguém coloca coleira em Gage.

– Tudo bem – digo.

– Aquela garota, se você a conhece, sabe como ela é.

Ele enfia a mão na boca e puxa um dente mole, verdadeiro, preto e podre no alto. Parece uma pérola defeituosa na palma da mão enluvada dele. Em seguida, sorri e acrescenta:

– Que bom que assassinato paga tão bem, né? Ouro é caro.

Eu tento esconder a surpresa. Um mestre de morte que só perde um dente a cada golpe é um cara muito perigoso. Cada maldição, seja física, de sorte, de memória, de emoções, de sonhos, de morte e até de transformação, provoca algum rebote. Como diz meu avô, toda maldição atinge seu mestre. O rebote pode aleijar e até matar. Maldições de morte apodrecem alguma parte do corpo de um mestre, qualquer coisa desde um pulmão a um dedo. Ou, aparentemente, algo menos importante, como um dente.

– E por que um mestre de morte precisa de uma arma? – pergunto.

– Essa arma tem valor sentimental. Foi da minha avó. – Gage pigarreia. – Olhe, você não vai atirar. Já teria atirado se fosse fazer isso. Então será que podemos...

– Tem certeza de que quer me desafiar? – retruco. – Tem certeza?

Isso parece deixá-lo abalado. Ele suga o dente.

– Tudo bem, só sei o que ouvi, e não foi... *dela*. Ela nunca disse nada além de onde eu o encontraria. Mas há boatos de que o cara, o nome é Charlie West, fez besteira em um trabalho. Matou uma família quando deveria ter feito só um roubo. É um bêbado covarde...

Meu celular começa a tocar.

Pego o celular no bolso, depois olho para baixo. É Barron, que deve ter acabado de perceber que o abandonei. Naquele momento, Gage pula a cerca de arame.

Eu o vejo ir e minha visão fica embaçada. Não sei quem estou vendo. Meu avô. Meu irmão. A mim mesmo. Qualquer um de nós poderia ser o garoto, poderia ter sido como ele, depois de um golpe, pulando uma cerca antes de levar um tiro nas costas.

Não grito para que se abaixe. Não faço um disparo de alerta nem alguma outra coisa que poderia fazer, algo que um agente federal em treinamento que presencia a fuga de um assassino deveria fazer. Apenas o deixo ir. Mas, se ele está no papel que era para ser meu, não faço ideia de como ser a pessoa que fica no beco. O mocinho.

Limpo a arma na camisa verde e a enfio na cintura da calça jeans, na parte da lombar, onde o casaco vai escondê-la. Depois que acabo, ando até a entrada do beco e ligo para Barron.

Quando chega, ele está com um bando de caras de terno. Ele me segura pelos ombros.

– Que diabos você estava fazendo? – Sua voz sai baixa, mas ele está realmente abalado. – Eu não fazia ideia de onde você estava! Você não atendeu o celular.

Exceto daquela última vez, eu nem ouvi tocar.

– Eu estava *improvisando* – digo com arrogância. – E você teria me visto se não estivesse tão ocupado dando em cima de uma garota qualquer.

Se a expressão dele indica alguma coisa, apenas a presença de outras pessoas o impede de me estrangular.

– Esses caras apareceram na cena do crime logo depois dos policiais – conta ele, me lançando um olhar carregado. Por mais furioso que esteja, entendo que está tentando se comunicar. *Eu não os chamei*, diz a expressão dele. *Não falei nada sobre Lila. Não traí você. Ainda não traí você.*

Os agentes tomam minha declaração. Digo para eles que segui o assassino, mas ele se distanciou e pulou a cerca. Não vi para onde foi. Não dei uma boa olhada nele. Ele estava de capuz. Não, ele não disse nada. Não, ele não tinha arma, ou pelo menos nenhuma outra além da mão nua. Sim, eu não deveria tê-lo seguido. Sim, eu conheço a agente Yulikova. Sim, ela pode atestar que me conhece.

Ela atesta. Eles me deixam ir sem me revistar. A arma fica enfiada na parte de trás da cintura da calça jeans, roçando a base da minha coluna enquanto Barron e eu vamos até o carro.

– O que aconteceu de verdade? – pergunta Barron.

Eu balanço a cabeça.

– E o que você vai fazer? – indaga, como se estivesse me desafiando. Como se houvesse alguma dúvida. – Lila foi a mandante daquele crime.

– Nada – respondo. – O que você imaginou? E você também não vai fazer nada.

Meu pai uma vez me avisou que garotas como ela viram mulheres cujos olhos são buracos de bala e cujas bocas são feitas de facas. Estão sempre inquietas. Sempre famintas. São mau presságio. Elas bebem você como uma dose de uísque. Apaixonar-se por elas é como cair de um lance de escadas.

O que ninguém me falou, apesar de todos esses avisos, é que, mesmo depois que você cai, mesmo depois de saber o quanto é doloroso, você ainda entra na fila para passar por tudo de novo.

Título original
THE CURSE WORKERS
BOOK THREE
BLACK HEART

Este livro é uma obra de ficção. Referências a acontecimentos históricos, pessoas reais ou localidades foram usadas de forma fictícia. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, e qualquer semelhança com fatos reais, localidades ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2012 by Holly Black

Todos os direitos reservados, incluindo o de reprodução no todo ou parte sob qualquer forma.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Preparação de originais
Mariana Moura

Cip-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Black, Holly
B562a Alma negra/Holly Black; tradução: Regiane Winarski.
Primeira edição. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015.
(Mestres da maldição; 3)

Tradução de: The Curse Workers, Book Three: Black Heart
ISBN 978-85-7980-253-9

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Winarski, Regiane.
II. Título. III. Série.

15-23240

CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.